

RESENDE, A. B. Libras escrita: aspectos da viabilidade do sistema de escrita de sinais VisoGrafia. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, ano 3, n. X, jan.-jun., 2018.

LIBRAS ESCRITA

Aspectos da viabilidade do sistema de escrita de sinais VisoGrafia^(*)(**)

Angélica Borges RESENDE¹ (UFMT)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar o relato da experiência do contato com o novo sistema de escrita de sinais, VisoGrafia, que, embora esteja em processo de construção, é sem dúvida um sistema de fácil compreensão não só para as pessoas que já conhecem a ELiS – Escrita de Língua de Sinais –, como também para as pessoas que conheçam os parâmetros constituintes dos sinais da LIBRAS, que participaram do curso de escrita de Sinais ministrado pelo professor Doutorando Claudio Alves Benassi, por meio de aulas presenciais na Universidade Federal de Mato Grosso, na UFMT, e por vídeos publicados no drive criado pelo grupo para compartilhar conhecimentos a fim de aperfeiçoar o sistema de escrita idealizado. Afim de demonstrar a viabilidade deste o sistema de escrita, o percurso metodológico será baseado no que relataram os participantes do curso de escrita para o desenvolvimento da VisoGrafia, bem como os acadêmicos do curso de Letras Libras, que já conheceram a Elis, mas ainda não conhecem a VisoGrafia. Existem atualmente outros modelos de sistema de escritas no país, como o *Sign writing*, que foi desenvolvido pela bailarina estadunidense Valérie Sutton, por volta de 1974. A Escrita de Língua de Sinais (ELiS), criada em 1997 pela professora Mariângela Estelita Barros. E, ainda, o Sistema de escrita para Língua de Sinais (SEL) desenvolvido pela professora Adriana C.S Lessa de oliveira, em 2009, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Os dois primeiros sistemas de *Sign Writing* e ELiS serviram de base para a criação e o desenvolvimento da VisoGrafia, que procurou simplificar e diminuir a quantidade de visografemas necessários para escrever os sinais, facilitando assim o processo de memorização. O grande desafio está na difusão deste sistema, pois, embora já existam outros sistemas de escrita, a comunidade surda ainda demonstra certa resistência em aprender a grafia dos sinais, algo que possivelmente está relacionado com o fator sócio-histórico e cultural da educação dos surdos, a qual, por muito tempo, ignorou as línguas de sinais, obrigando-os a aprender a língua oral e sua grafia.

(*) Artigo produzido a partir de comunicação oral apresentada no I ENFOTILS/UFMT.

(**) Orientação do professor Drdo. Claudio Alves Benassi. Professor Auxiliar A da Coordenação de Ensino de Graduação de Letras-Libras – Licenciatura, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

¹ Acadêmica do Curso de Letras-Libras – Licenciatura, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), bolsista PIBID/CAPEs/CNPQ e membra do grupo de pesquisa REBAK Sentidos UFMT/CNPq.



PALAVRAS CHAVE: Grafia dos sinais. Aquisição da escrita. Libras.

ReFaMi



1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Partindo da ótica do sujeito ouvinte, vivemos em uma sociedade mediada por sons e palavras, que se fazem presentes desde as primeiras horas de vida. Elas facilitam os caminhos para aquisição da Língua Materna, adquirida de maneira natural, sem intervenção pedagógica e, normalmente, no seio familiar, de acordo com a modalidade de percepção e produção: oral auditiva (Português, Inglês, Francês etc.), ou viso-espacial (Língua de sinais Brasileira, Língua de sinais americana etc.).

O idioma, no caso de criança ouvinte, serve a ela de base para a estruturação/sistematização do conhecimento que ocorrerá no processo de ensino-aprendizagem, principalmente linguístico. No entanto, isto não acontece com a criança surda, que, ao aprender a Língua de Sinais no seio familiar, quando acessa o ensino, a estruturação se dá na L2. Ou seja, pela modalidade escrita da Língua Portuguesa e não da Língua de Sinais, sua língua de conforto (GESSER, 2015, p. 59).

O processo de aquisição linguística deve ser analisado caso a caso quando se tratar de crianças com surdez. Nem sempre ela nasce em um meio familiar que lhe permitirá aprender a Língua de Sinais desde os primeiros anos de vida. A maioria das crianças surdas descendem de pais ouvintes, que raramente sabem alguma coisa sobre a Libras, o que faz com que estes sujeitos cresçam sem nenhuma língua de instrução. Os pais ouvintes precisam descobrir esse mundo essencialmente visuoespacial e conhecer a Língua de Sinais. Segundo Cummins (2003), crianças que vão para a escola com uma língua consolidada terão possibilidades de desenvolver habilidades de leitura e escrita com muito mais consistência.

A aprovação da Lei N° 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como meio legal de comunicação da comunidade surda, representou um grande ganho para os surdos, que, durante muito tempo, permaneceram isolados dos espaços educacionais. As conquistas por estes espaços têm feito as pesquisas sobre o ensino de Língua Portuguesa como L2 avançarem, visto que a legislação deixa claro que a Libras não substituirá a modalidade escrita da Língua portuguesa. É neste ponto que surgem algumas indagações: Como ensinar a escrita de uma língua fonética (Língua Portuguesa) para quem não tem a



percepção auditiva? Como ensinar a escrita de L2, para indivíduos que sequer conhecem a escrita do próprio idioma?

As Línguas de Sinais, assim como as Línguas orais também possuem seus sistemas de escritas, que não são recentes. Segundo Stumpf (2009, p. 62), Bébien (1789-1839), em 1817, já idealizava um sistema de escrita para a Língua de Sinais, que ficou conhecido como *Écrire les Signes Mimographie*. Bébien acreditava que um sistema de grafia contribuiria para o pleno desenvolvimento da criança surda, fato atualmente comprovado por pesquisas acadêmicas.

No Brasil, atualmente, existem três sistemas de escritas de sinais: O *Sign Writing*, criado em 1974, pela bailarina estadunidense Valérie Sutton, que inicialmente foi pensada para registros de movimentos de dança e mais tarde acabou se tornando uma ferramenta fundamental para o registro de sinais da *American Sign Language (ASL)* e passou a ser adotado em algumas escolas bilíngues no sul do Brasil, pelo professor Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa, que formou um grupo de trabalho do qual participaram a prof. Marcia Borba e a prof. Marianne Stumpf, surda.

Este grupo deu início ao projeto *SignNet*, que foi desenvolvido em quatro instituições: Escola de informática da UCpel, Museu de Ciência e Tecnologia da PUC- RS e Colégio ULBRA Especial Concordia, especializado na educação de surdos. O projeto desenvolveu ainda um programa computacional para a Escrita de Sinais chamado SW-EDIT (BARRETO; BARRETO, 2004).

O *SignWriting* tem sido, até o momento, o mais utilizado dentre os demais sistemas, com diversas publicações em escrita de sinais de livros infantis e o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Língua de Sinais Brasileira (CAPOVILLA; RAPHAEL; LUZ, 2001), o que tornou este sistema público e acessível à comunidade surda.

Outro sistema de escrita de sinais é a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), idealizada em 1998, pela professora Mariângela Estelita Barros, na Universidade Federal de Goiás-UFG. Existe ainda o Sistema de Escrita de sinais para Língua de Sinais (SEL), desenvolvido 2009, pela professora Adriana C.S Lessa de Oliveira, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Todos os sistemas são de bases alfabéticas, ou seja, grafa as mínimas partes da LS (BENASSI, 2016).

Recentemente, está sendo divulgado o mais novo sistema de escrita de sinais, nomeado de VisoGrafia, idealizado pelo professor doutorando Claudio Alves Benassi, da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. Esta nova proposta de escrita surge da junção dos dois primeiros sistemas (SW e ELiS).





Os demais sistemas contêm grande número de caracteres e elevado nível de abstração representacional, fatos que dificultam a compreensão e o aprendizado da escrita. Com a junção dos sistemas, o número de caracteres foi reduzido. O sistema de escrita de sinais VisoGrafia apresenta características visuais de fácil aprendizagem, graças a junção dos aspectos mais simples e visuais dos sistemas nos quais se baseou.

Mostraremos um pouco mais deste novo sistema a partir do relato de nossa experiência junto aos demais alunos que estiveram presentes no curso de escrita idealizado pelo professor Claudio Benassi com o objetivo de elaborar a VisoGrafia.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A escrita de sinais permitirá ao sujeito surdo expressar-se livremente, mostrando a fluência da língua de sinais, uma vez que ela contribui para o desenvolvimento cognitivo, estimula a criatividade, ajuda a organizar o pensamento e facilita a aprendizagem. Nas Atividades escolares, a leitura e a escrita da língua de sinais permitirão, segundo Stumpf (2005, p. 46), “um trabalho muito mais consistente e bem construída, para possibilitar ao surdo o acesso ao conhecimento, [...] o que pode levar ao bilinguismo pleno”.

Da inquietante busca pelo saber e por aprender a grafar sinais da Libras, o professor doutorando Claudio Alves Benassi iniciou, em 2013, seus estudos no sistema de escrita de sinais SW. Após um ano de estudos deste sistema, começou a ter dificuldade para assimilar alguns símbolos e deixou de lado o desejo de se aprofundar na escrita. Sob a orientação do professor Anderson Simão Duarte, decidiu conhecer a escrita ELiS, ministrada pela professora Mariângela Estelita Barros, na cidade de Goiânia, no Sistema Educacional Chaplin. Após uma semana longa de estudos, retorna satisfeito com sua habilidade e rapidez em aprender a escrita. Desde então, passou a inserir a escrita no seu dia-a-dia de usuário de Libras. No segundo semestre de 2014, ministrou a disciplina de ELiS, no curso de licenciatura em Letras Libras, na UFMT, campus Cuiabá, que possui a carga horária de 32h. Voltando a atenção para os alunos, percebeu que eles apresentavam dificuldades para ler e escrever os sinais bimanuais assimétrico e compostos (BENASSI, 2017, p.22).

Inquieto com a situação, Benassi decide experimentar escrever os sinais da ELiS no ordenamento da SW, e eis que surge os primeiros passos para a elaboração de um novo

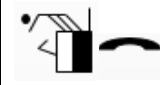

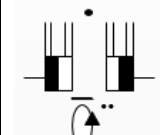
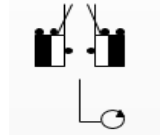

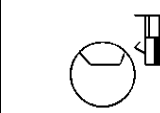
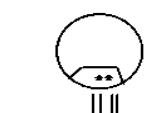





sistema de escrita chamado VisoGrafia. O professor então convidou um grupo de alunos, dos quais dois eram surdos, para organizar e convencionar a escrita. Após uma sequência de encontros já era perceptiva a facilidade de compreensão da VisoGrafia por parte dos alunos, que já conseguiam escrever e decifrar diversos sinais.

Resolvemos, enquanto pesquisadora, testar a viabilidade dessa escrita, por meio de entrevistas particulares com quatro pessoas que não participaram do curso de VisoGrafia. Para isto, selecionamos três acadêmicos do curso de Letras Libras que fizeram a disciplina de ELiS, sendo dois ouvintes e uma surda, para verificar se eles conseguiam fazer a leitura dos sinais a partir dos conhecimentos adquiridos na disciplina. Selecionei também para esta pesquisa, uma outra estudante surda do Ensino médio, afim de verificar se o usuário da Libras, mesmo não conhecendo nenhum dos sistemas de escritas, conseguiria identificar algum dos sinais apresentados. Para tal, organizamos uma sequência de oito sinais escritos em VisoGrafia, três bimanuais (LIBRAS, REUNIÃO e CASA); três monomanuais com ponto de contato na cabeça (APRENDER, OUVIR e CONHECER) e outros dois monomanuais, tendo como ponto de contato o espaço frente ao corpo (OI, NOME). Apresentamos aos entrevistados. A seleção dos sinais foi motivada por ser de fácil compreensão, tendo em vista que as pessoas não participaram das discussões quanto à elaboração do sistema.

Tabela 01. Sinais apresentados aos entrevistados em VisoGrafia.

Monomanuais:		
1) Oi 	2) Nome 	
Bimanuais simétricos:		
3) Libras 	4) Reunião 	5) casa 
Ponto de Contato na cabeça:		
6) Aprender 	7) Conhecer 	8) Ouvir 

Fonte: Angélica Resende Borges..



RESULTADOS E DISCUSSÕES

ReFaMi



Após apresentação da figura 01, deixamos que os entrevistados ficassem à vontade quanto ao tempo de raciocínio e identificação dos sinais, pois o objetivo não era calcular a velocidade com que leem os sinais, e sim se conseguiam olhar os sinais e executa-los em Libras. Acompanhamos cautelosamente como cada aluno decodificava cada um dos sinais, e nos surpreendemos quando percebi que estavam compreendendo a posição dos dedos, quanto a estarem fechados, curvados ou estendidos. Em alguns casos, se perdiam quanto à orientação de palma e movimento, mas em outros momentos conseguiam perceber o sinal sem nenhuma dificuldade, principalmente os sinais monomanuais, que apresentam movimentos mais simples como os sinais OI e NOME, como mostra as descrições a seguir com os entrevistados:

Tabela 02. Informações sobre a leitura do Aluno 1.

Identificação do sujeito: Aluno 1 (Acadêmico do curso de Letras-Libras: estudou a Elis na disciplina do curso)		
Sinal	Decodificado como	Dificuldade apresentada
OI	Oi	Não apresentou dificuldades.
NOME	Nome	Não apresentou dificuldades.
LIBRAS	Libras	Não apresentou dificuldades.
REUNIÃO	Reunião	Não apresentou dificuldades.
CASA	Estudar	Perceber a orientação da palma.
APRENDER	Sonhar/imaginar	Perceber o movimento e orientação da palma.
CONHECER	Silêncio	Ponto de contato e movimento.
OUVIR	Ouvir	Não apresentou dificuldades.

Fonte: Angélica Resende Borges.



Tabela 03. Informações sobre a leitura do Aluno 2.

Identificação do sujeito: Aluno 2 (Acadêmico do curso de Letras Libras: estudou a Elis na disciplina do curso) *CM – Configuração Manual.		
Sinal	Decodificado como	Dificuldade apresentada
OI	Oi	Não apresentou dificuldades.
NOME	Nome	Não apresentou dificuldades.
LIBRAS	Cuidado	Orientação da palma.
REUNIÃO	CM R	Perceber o movimento.
CASA	Casa	Não apresentou dificuldades.
APRENDER	CM C	Perceber o movimento.
CONHECER	Conhecer	Não apresentou dificuldades.
OUVIR	Cuiabá	Orientação da palma e movimento.

Fonte: Angélica Resende Borges.

Tabela 03. Informações sobre a leitura do Aluno 3.

Identificação do sujeito: Aluno 3 (Acadêmico do curso de Letras Libras: estudou a Elis na disciplina do curso) *CM – Configuração Manual.		
Sinal	Decodificado como	Dificuldade apresentada
OI	Oi	Não apresentou dificuldades.
NOME	Nome	Não apresentou dificuldades.
LIBRAS	–	Não conseguiu decodificar o sinal.
REUNIÃO	CM R	Perceber o movimento.
CASA	Confuso	Orientação de palma.
APRENDER	Aprender	Não apresentou dificuldades.
CONHECER	Silêncio	Perceber o movimento.
OUVIR	Ouvir	Não apresentou dificuldades.

Fonte: Angélica Resende Borges.



Tabela 04. Informações sobre a leitura do Aluno 4.

Identificação do sujeito: Aluno 4 (Estudante do ensino médio: surda e usuária da Libras) *CM – Configuração Manual.		
Sinal	Decodificado como	Dificuldade apresentada
OI	Oi	Não apresentou dificuldades.
NOME	Nome	Não apresentou dificuldades.
LIBRAS	CM	Orientação da palma e movimento.
REUNIÃO	CM R	Orientação da palma e movimento.
CASA	CM B	Orientação da palma.
APRENDER	CM C	Perceber o movimento.
CONHECER	CM C	Perceber o movimento.
OUVIR	CM C	Orientação da palma e movimento.

Fonte: Angélica Resende Borges.

Analisando os resultados, foi possível perceber que os três acadêmicos conseguem ler mais sinais, se comparados à estudante surda. Isso se deve ao fato de conhecerem a Elis, no curso de Letras-Libras, e por conhecerem também os parâmetros fonológicos que constituem os sinais da Libras, o que em nossa concepção, facilitou a compreensão das configurações de mão, ponto de contato, orientação de palma e movimento, variáveis fundamentais para compreender a escrita que registra estes aspectos da língua de forma mais visual.

O parâmetro expressão não manual também é passível de ser escrito, mas não foi apresentado pelo fato dos sinais escolhidos para esta entrevista não necessitarem deste parâmetro. A decodificação dos sinais feita pela estudante surda, foi de extrema relevância para esta pesquisa, posto que ela conseguiu ler dois sinais monomanuais apresentados sem exibir dificuldade, mesmo não conhecendo nenhum dos sistemas de escritas de línguas de sinais e não conhecendo formalmente as estruturas fonológicas da Libras, como a grande maioria dos surdos não-alfabetizados na Libras desde os primeiros anos escolares – fator que contribuiu para a dificuldade da compreensão da escrita destes sinais, em virtude de apresentarem estruturas mais complexas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

ReFaMi



A partir desta pesquisa foi possível perceber que o sistema de escrita VisoGrafia é viável pelo fato de ser um sistema com poucos caracteres necessários para grafar os sinais, o que o torna mais legível e de fácil memorização. Sabemos que a Libras foi reconhecida como língua há poucos anos, o que torna notória a carência de pesquisas científicas voltadas para a gramática, bem como para um sistema de escrita que atenda a modalidade específica (viso-espacial) da mesma, tornando-a desta forma uma língua “independente”, na qual os aprendizes podem sinalizar e registrar os sinais da Libras sem ter que passar pela escrita da língua portuguesa.

A VisoGrafia ainda está em processo de construção e finalização. Necessita de mais pesquisas. Ao se aplicar o sistema em diversos contextos de uso, foram surpreendentes os dados levantados, pois ao longo das 60h de curso, juntamente com alguns colegas conseguimos ler e grafar os sinais em Libras, enquanto outros apresentavam certas dificuldades em memorizar os visografemas. Mas isto é recorrente em qualquer sistema de escrita: algumas pessoas conseguem aprender de forma mais rápida, outras precisam de um tempo maior.

Como futuros professores de Libras, precisamos pesquisar e buscar diversos caminhos que contribuam para o aprendizado de nossos alunos. O processo de alfabetização é uma aventura. E, em se tratando de crianças com surdez, o desafio se torna ainda maior, a depender do grau de perda auditiva e de como este sujeito é visto pela própria família. Esperamos que esta pesquisa venha a ajudar a sanar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes surdos em relação à aprendizagem da Língua Portuguesa – que lhes é cobrada sem que ao menos estejam alfabetizados em sua primeira língua.

REFÊRENCIAS

BENASSI, C. A. **O despertar para o outro**: entre as escritas de língua de sinais. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. 154 p.

BRASIL. **Lei n. ° 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm, acessado em 16/08/2017.

FERNANDES, E. (org). **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre, Mediação p 7-26, 2005.



GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

STUMPF, M. R. **Escrita de Língua de Sinais**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ReFaMi

